



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPEs – LATINDEX
Nº. 06 – Ano III – 10/2014
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Estação Memória Paraisópolis e as relações entre informação, memória e experiência

Simone Borges Paiva

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – ECA – da
Universidade de São Paulo – USP – Brasil

<http://lattes.cnpq.br/3728452144265973>

E-mail: sibpaiva@usp.br

Resumo: A Estação Memória Paraisópolis é um dispositivo de informação e cultura que visa reafirmar os vínculos inextricáveis existentes entre informação e significação, favorecendo condições objetivas de diálogo entre passado e presente. No presente trabalho, apresentamos o processo de implantação do dispositivo junto à Comunidade de Paraisópolis, a segunda maior favela de São Paulo, sua história e as memórias de seus moradores, foram base para as nossas questões científicas iniciais, que buscavam compreender dispositivos como a Estação Memória como estimuladores aos processos de apropriação e protagonismo cultural. A metodologia colaborativa permitiu a integração com a comunidade e a realização dos procedimentos adotados, entre eles: encontros intergeracionais semanais denominados Oficinas de Memória, bem como, exposições fotográficas e a criação de uma base de dados para armazenamento e conservação dos conteúdos.

Palavras-Chave: Modelo de Trabalho; Trabalho Científico; Instruções para os autores.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade vem sendo marcada por uma crescente valorização da velocidade. Desde o maquinismo do século XIX, o movimento de aceleração dos diferentes aspectos envolvendo a vida social ganhou centralidade até então desconhecida e tal característica não cessa de ganhar terreno, em especial com o desenvolvimento técnico e tecnológico que assistimos, sobretudo no decorrer do século XX.

Desta forma, levado ao limite o movimento ascendente de hipertrofia da velocidade, em detrimento de seu contrário, a “lentidão” (SANSOT, 2004), o indivíduo contemporâneo estaria condenado a esquecer, situação inquietante e, aparentemente, improvável, uma vez que lembrar-se é categoria constitutiva dos atos cognitivos dos quais depende a sobrevivência da espécie.

Nesse sentido, os males decorrentes da hipertrofia da velocidade, do movimento incessante e sem brechas para os processos singulares, próprios a Kairós, vem sendo motivo de preocupação de vários estudiosos, observadores da modernidade e da contemporaneidade, como Benjamin e Virilio, por exemplo.

1. As relações entre informação e memória na contemporaneidade

Este trabalho propõe-se a estudar as relações problemáticas entre informação e memória na contemporaneidade, tendo em vista constituírem-se ambas em categorias inextricáveis dos processos de significação, ou seja, de construção de conhecimento e cultura.

As relações entre informação e memória vêm sendo redefinidas na contemporaneidade, em função de uma série de circunstâncias de natureza histórico-culturais, conforme apontam diferentes autores e estudos da área. Walter Benjamin, por exemplo, já aponta para tais mudanças, na primeira parte do século XX, ao se referir à “crise da experiência”. Hannah Arendt (1972) também aponta tal crise, identificando na ruptura entre o passado e o futuro a origem da crise cultural que acometeu a civilização ocidental, em especial após o episódio da segunda guerra mundial. Lowenthal (1985), ao se referir a tal ruptura, afirma que “the past is a

foreign country”, da mesma forma que Terdiman (1993) dedica um volume especial à questão, buscando descrever a “modernity and the the memory crisis”.

Se vozes distintas, mas importantes, como as dos autores citados, reconhecem que vivemos uma situação de crise da memória, datada não do momento atual, mas que a “Era da Informação” (Castells, 2000) acentua, torna-se indispensável refletir sobre o estatuto e as relações entre as categorias da *informação* e da *memória*, visto que implícito ao reconhecimento da crise está a percepção geral da importância tanto de uma como de outra, na construção da cultura e do conhecimento.

Desse modo, estão em jogo nas novas relações estabelecidas entre Informação e Memória, especialmente em nossa época, os destinos da significação, dos sentidos atribuídos aos signos, ao “mundo” (ARENDT, 1972) e a nós próprios, como espécie, uma vez que nos movemos no universo da cultura e esta é constituída – e constitui – não apenas por objetos e processos materiais, mas por ordem simbólica que se alimenta tanto de aspectos de informação como de memória.

A reflexão sobre tais relações propõe pensar questão que subjaz à problemática, ou seja, as relações entre o *fluxo* e *permanência*, todas as duas categorias que remetem à mesma problemática do tempo e do espaço, mas a partir de perspectivas distintas. Desse modo, que relações informação e memória mantêm em um quadro cultural marcado, por exemplo, pela aceleração crescente da produção, circulação e recepção de informações, ao mesmo tempo que por dificuldades crescentes à sua seleção, processamento e apropriação. Se tal como afirma Morin (2010), a pertinência, a contextualização são condições do conhecimento, uma vez que estas permitem estabelecer vínculos entre o novo (informação) e os repertórios organizados, interpretados e acumulados (memória), é necessário voltar a atenção para a natureza e as condições de tais vínculos, uma vez que a “cultura da informação” (Le DEUFF, 2009) não prescinde nem de um termo, nem de outro, embora estes não tenham se mantido estáticos ao longo da história.

Este estudo justifica-se, pois, uma vez que convivemos com realidades complexas e que tendem à simplificação, toda vez que informação e memória aparecem como termos opostos e irreconciliáveis entre si. Se por um lado é

possível observar, sem grandes dificuldades a avalanche informacional que nos assola e deixa marcas indeléveis em nosso cotidiano, por outro lado, não é difícil também a percepção das dificuldades que acometem nossos processos de construção de significados, por falta de referenciais que permitam dar sentido às informações. Assim, se vivemos um momento privilegiado do ponto de vista de possibilidades de acesso à informação, vivemos dificuldades grandes para sua apropriação, ou seja, como nos coloca Bruner (1997), os “atos de significação” estão em dissonância, consideradas as possibilidades informacionais de nossa época. Resultado, segundo ele, é uma crise profunda que afeta a cultura, uma vez que expurgada da sua dimensão de significação, a informação perde sua dimensão social e humana, já que nos tornamos incapazes de atribuir valor aos fenômenos a que se refere. Assim, com ironia provocativa, Bruner afirma que, um poema de Shakespeare, valeria tanto quanto qualquer notícia ligeira de um pasquim sensacionalista.

Por esta razão cabem alguns questionamentos: quem é o sujeito implícito à “*era da informação*”? É alguém sujeito ao fluxo signo interminável e avassalador que apela sem cessar para todos os seus sentidos, sem abrir brechas para a permanência, o tempo “lento” da memória (SANSOT, 2004)? Ou, ao contrário, é o sujeito que, com novos instrumentos cognitivos é capaz de livrar-se das amarras da memória e dar sentido sempre novo às informações? Enfim, que relações entre quantidade e qualidade cultural a avalanche informacional vem propondo?

Nesse aspecto, o objeto desta tese é o estudo das relações problemáticas entre informação e memória na contemporaneidade, a partir do pressuposto que tanto uma categoria como outra são constitutivas dos processos de significação, vale dizer, das dinâmicas de construção cultural.

Do ponto de vista do objeto empírico, este trabalho estará centrado no desenvolvimento de um dispositivo cultural dialógico que tem como característica central e desafiadora constituir-se tanto como dispositivo de informação, como de memória – a Estação Memória de Paraisópolis.

1. A memória social: entre a vivência e a experiência

Os processos cognitivos de atribuição de sentidos aos signos estão diretamente conectados às condições de tempo e espaço no qual os indivíduos estão inseridos, ensina-nos Kundera (2011, p.30). Assim, refere-se ele à questão:

Há um vínculo entre a lentidão e a memória, entre a velocidade e o esquecimento. Imaginemos uma situação das mais comuns: um homem andando na rua. De repente, ele quer se lembrar de alguma coisa, mas a lembrança lhe escapa. Nesse momento, maquinalmente, seus passos ficam mais lentos.

Como se vê, Kundera refere-se a um lugar (“...um homem andando na rua...”) e a um tempo em processo de transformação (maquinalmente, seus passos ficam mais lentos). E, de repente, a necessidade de “lembrar de alguma coisa” produz um deslocamento: a caminhada em linha reta e definida, ganha uma outra condição, modificando a relação com o espaço e o tempo. Não é mais o movimento produzido por objetivos a serem atingidos e que estão além do sujeito, mas a busca de um objeto próprio, intransferível, guardado em seu corpo e que necessita ser recuperado. O tempo e o espaço sociais, objetivos, não possuem a mesma lógica e o mesmo ritmo que o tempo subjetivo, interno, o tempo individual, particular dos sujeitos. Os gregos identificavam tal diferença e possuíam duas denominações distintas para um fenômeno e outro: Cronos – o tempo social, “de relógio” –, mensurável, portanto, e Kairós, o tempo interno, subjetivo e não mensurável da mesma forma que o outro. E, mais interessante lembrar, que Cronos era o tempo criado pelos homens, enquanto Kairós era o tempo dos divinos, criado portanto pelos deuses.

É assim que ao apresentar a necessidade de lembrar-se como algo que atua de forma a levar o indivíduo a reduzir sua velocidade para que seja possível a geração do terreno fértil à germinação da memória, Kundera refere-se diretamente à problemática do ritmo, lembrando que “o grau de lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória; o grau de velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento” (KUNDERA, 2011, p.31).

A contemporaneidade vem sendo marcada por uma crescente valorização da velocidade. Desde o maquinismo do século XIX, o movimento de aceleração dos diferentes aspectos envolvendo a vida social ganhou centralidade até então desconhecida e tal característica não cessa de ganhar terreno, em especial com o

desenvolvimento técnico e tecnológico que assistimos, sobretudo no decorrer do século XX.

Desta forma, levado ao limite o movimento ascendente de hipertrofia da velocidade, em detrimento de seu contrário, a “lentidão” (SANSOT, 2004), o indivíduo contemporâneo estaria condenado a esquecer, situação inquietante e, aparentemente, improvável, uma vez que lembrar-se é categoria constitutiva dos atos cognitivos dos quais depende a sobrevivência da espécie.

O desaparecimento e o desapego, os “rastros” são preocupações pontuadas por Walter Benjamin em seus escritos. Para ele, a modernidade é dominada pela técnica e marcada pela urgência do tempo. Seus estudos nesse sentido, como bem observou Gagnebin (GAGNEBIN, 1994, p.11) significaram “(...) uma reflexão centrada na modernidade, no profundo co-pertencimento do eterno e do efêmero” (GAGNEBIN, 1994, p.11). Co-pertencimento que se dá a partir da percepção de um tempo histórico “em termos de intensidade e não de cronologia” (GAGNEBIN, 1994, p.11).

Em sua observação da modernidade, Benjamin reflete sobre o eterno e o efêmero e como o processo de mecanização das ações leva ao desaparecimento da antítese tempo-eternidade. Tem-se, portanto a “substituição dessa antítese pela perseguição incessante do novo, a uma redução drástica da experiência do tempo” (GAGNEBIN, 1994, p.11).

Encontramos aqui o conceito chave para Benjamin: a *Experiência*. É possível observar, assim, em sua trajetória filosófica vários momentos nos quais abordou diretamente tal conceito. Para fins de recorte teórico, o conceito será analisado a partir de dois textos centrais, a saber: “Experiência e Pobreza” e o “Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”.

No texto *Experiência e Pobreza*, Benjamin (1994, p.114) sentencia: “Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?”. No contexto apresentado por Benjamin, a experiência dos indivíduos deixa de ser atributo valorativo para a liderança dos jovens. O valor da autoridade como elemento formativo é desconsiderado e é possível observar, a partir da leitura do texto, o declínio da experiência.

Benjamin chama atenção para o momento histórico da Primeira Guerra Mundial, seus materiais e seus efeitos sobre os indivíduos. O autor salienta que,

aqueles que retornaram da Guerra, foram acometidos por um silêncio existencial, provocado por uma redução nas formas de comunicação de suas experiências. Foram vitimados pela velocidade dos acontecimentos e pelas novas formas de crueldade que a tecnologia aplicada às armas de guerra propiciaram. “Nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadoras que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras” (BENJAMIN, 1994, p.115). O cenário da Primeira Guerra Mundial evidenciou, segundo ele, “a sujeição do indivíduo às forças impessoais e todo-poderosas da técnica, que só faz crescer e transformar cada vez mais nossas vidas de maneira tão total e tão rápida que não conseguimos assimilar essas mudanças pela palavra” (GAGNEBIN, 1994, p.67)

A condenação da técnica aplicada à guerra, todavia, não impede Benjamin de reconhecer sua importância, quando dirigida a objetivos de florescimento do que melhor possamos criar enquanto espécie singular. É assim que a Arte passou por uma completa revolução “na era de sua reprodutibilidade” (Benjamin, 1994). E, se perdeu a “aura”, ganhou novas e importantes possibilidades com o desenvolvimento técnico, possibilitando novas investigações e formas de expressão que enriqueceram o patrimônio cultural universal.

Associada, todavia, a processos de dominação e poder, a técnica expõe os sujeitos a constantes choques, instantes de vivência que não se prolongam no processo histórico, e são encerrados de forma inesperada, deixando o indivíduo com a sensação de vazio provocada pela falta de condições necessárias aos processos de construção de sentidos, de significados para si e para o mundo. Desse modo, Benjamin identifica um movimento do qual a Primeira Guerra Mundial é acontecimento extremamente significativo e que se traduz na seguinte formulação (1994,p.118):

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não eles aspiram a libertar-se de toda a experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso.

Num cenário despossuído de sentidos e de significação, abre-se espaço para o vazio de sentidos, para a existência de sujeitos rodeados cada vez mais por signos, mas privados de significação, categoria que implica diálogo e relação inextricável entre o mundo das necessidades materiais e simbólicas.

O que aparentemente poderia ser entendido como um cenário desolador surge, todavia, como possibilidade de redenção. Gagnebin lembra que, em Benjamin, “o desmoronamento da tradição termina sendo, por fim, o único lugar de uma retomada inventiva da origem “perdida”: uma invenção que nada na história garante, mas que tudo chama a realizar-se” (GAGNEBIN, 1994, p.80)

Neste ponto entre o possível declínio e a redescoberta da *experiência* é que, parece-nos encontrar o ensaio benjaminiano chave: o *Narrador*. No referido ensaio, Benjamin se propõe a entender quem era essa figura capaz de inserir a narrativa em um contexto atemporal, que revela o valor da memória a partir “do tecido da sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência” (BENJAMIN, 1994, p.37).

A partir do estudo de narradores clássicos, Benjamin destaca o inusitado na tarefa da narração que seria a transformação daquilo que é comum em extraordinário, tudo isso, enriquecido pela *experiência*. O evento, independente da sua magnitude “tornava-se a partícula em torno da qual a experiência adensava, como uma pérola à própria autoridade.” (AGAMBEN, 2008, p.23)

Assim, que atividade narradora é esta tratada por Benjamin à luz de Leskov? A experiência do narrador traz em si as marcas de uma vida lembrada e de uma vida experimentada. O indivíduo experiente é aquele que rememora e que teceu sua história ao longo do tempo entrecruzando vivências e experiências.

Nesse aspecto, a *experiência* atualiza e produz a memória, categoria que se distinguirá, segundo Benjamin, da informação, marcada na modernidade, justamente, por fluxos ininterruptos, descontextualizados e fragmentados que tendem a ganhar cada vez mais objetividade, liberando-se da “voz”, isto é, do corpo do narrador. Em outras palavras, a eficácia narrativa sobrepõe-se à importância das experiências passíveis de serem produzidas, produzindo um desequilíbrio fatal à cultura: a prevalência de Cronos sobre Kairós, isto é, o signo desencarnado.

Nesse ponto, as reflexões *benjaminianas* encontram-se com as de Virilio(1996), as inovações de nossa época estão ligadas a objetivos de dominação política e cultural, resultando assim, não apenas, em guerras objetivas com o intuito de tomar posse de territórios e riquezas materiais, mas também em guerras subjetivas, simbólicas, condição de manutenção da dominação política. Em outras palavras, política e cultura, mediadas pelo poder das tecnologias de informação,

encontrar-se-iam em um lugar que não hesitaria em semear a destruição, ou aquilo que segundo Virilio pode ser nomeado como “estratégia de decepção”

Entra em cena, assim, face a complexidade própria dos fenômenos informacionais, a problemática das mediações, em especial, dos dispositivos que a objetivam, uma vez que tal como nos mostram vários estudiosos da questão como Foucault, Peraya, Jeanneret, os dispositivos não são organismos amorfos ou apenas residuais. Ao contrário, trata-se de instância que viabiliza não apenas a objetivação das informações em suas diferentes facetas de produção, distribuição e recepção, mas também de instância agregadora de valor, ou seja, categoria constitutiva dos processos de significação, isto é, ferramenta que produz ela própria sentidos, em função de seus modos de ser e de atuação.

Por dispositivo, Peraya (1999) entende um complexo dinâmico e articulado de categorias portadoras de sentido, a saber: a técnica, a semiótica, a pragmática. Daí falar em dispositivos tecno-semio-pragmáticos. Estes possibilitam invenções, ao mesmo tempo em que as determinam, possuindo nesse sentido uma dimensão intrinsecamente pedagógica.

Eles informam e formam, formatam, tanto nosso corpo físico como o simbólico.

Tal formatação, todavia, não é unilateral e independente seja da produção e dos produtos, seja dos modos de distribuição e de recepção. Daí a importância da dimensão pragmática (a relacional), ou seja, dos lugares reservados aos sujeitos que atuam com e nos dispositivos, da mesma forma que “são atuados” por eles.

3.A metodologia colaborativa como pressuposto teórico

O estudo das relações entre informação e memória, na contemporaneidade, objeto teórico desta tese, será realizado a partir da construção de um dispositivo cultural- a *Estação Memória de Paraisópolis*-, objeto empírico deste trabalho. Tal dispositivo será construído colaborativamente com a comunidade que reside em Paraisópolis, comunidade situada no bairro do Morumbi, em São Paulo. Inscrita no quadro geral de pesquisas do COLABORI- Colaboratório de Infoeducação, do CBD/ECA/USP, tal construção será realizada a partir do espaço laboratorial do COLABORI, situado em Paraisópolis e viabilizado pelo convênio em curso entre

COLABORI/CBD/ECA/USP e Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein.

Desse modo, a proposta em questão segue os princípios da metodologia colaborativa. Tal opção afigura-se como encaminhamento indispensável, uma vez que se trata de refletir não apenas sobre problemas informacionais e culturais de nossa época, mas sobretudo de verificação de uma hipótese que tenta descrever e interpretar tais dificuldades, mas, ao mesmo tempo, resgatar articulações entre informação e memória que configurem um possibilidades de se recolocar questões teóricas pertinentes, embasadas contudo em situações concretas que possam, do ponto de vista social, servir como referência para encaminhamentos dos processos efetivos de mediação cultural, em especial, de dispositivos de informação e cultura que sejam capazes de redimensionar caminhos e alternativas culturais na contemporaneidade.

A pesquisa colaborativa, tal como a tomamos neste trabalho, afigura-se como uma modalidade de pesquisa participante, com a singularidade de que *colaboração*, no âmbito desta tese, tal como outros trabalhos realizados por pesquisadores vinculados ao COLABORI significa trabalho construído em conjunto, partilhamento em torno da criação e desenvolvimento de dispositivos culturais – no caso, a Estação Memória Paraisópolis –, que permite a sistematização de referências metodológicas orientadoras de ações concretas, mas que, permite especialmente a realização de objetivos específicos de construção científica, vale dizer, de avanço teórico.

A colaboração aparece, pois, como metodologia que, ao permitir o compartilhamento em torno de um mesmo objeto, permite a diferenciação, a experiência de uma aproximação entre ciência e sociedade/terreno que enriquece ambas as categorias, preservando, contudo, as distinções, a singularidade e a lógica de cada uma delas. Desse ponto de vista, permite a articulação, sem redução ou hierarquizações entre objeto teórico e objeto empírico, da mesma forma que entre teoria e prática, conhecimento científico e conhecimentos da “ação”.

Face a isso, reúne-se na pesquisa colaborativa tanto as atividades com o *terreno*, encontros e atividades diversas visando o desenvolvimento do trabalho, como também a pesquisa teórico-conceitual e suas formas específicas de construção de conhecimentos. Do dinamismo entre ambas categorias, surge o

conhecimento, ele próprio compreendido como categoria dinâmica, em processo constante de elaboração e reelaboração, em função da tensão sempre existente entre teoria e prática.

Estão previstos, assim, atividades diferenciadas, tendo em vista os processos de coleta, organização, análise e interpretação dos dados da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES

O corpo de referências teóricas por nós utilizado permite-nos, pois, compreender os fenômenos informacionais numa dimensão aberta, carregada de contradições e ambivalências, mas ao mesmo tempo de possibilidades, ao tentarmos enfrentar a problemática das relações entre informação e memória na contemporaneidade. Se de um lado, o desenvolvimento informacional vem, sem dúvida nenhuma, privilegiando os aspectos da velocidade do fluxo informacional, por outro lado, talvez seja possível pensar na retomada de aspectos da permanência que caracterizam a questão da memória, sobretudo se entendermos que, apesar da “crise” que esta está vivendo, com o surgimento da “era da informação”, tal termo (“crise”) pode ser tomado no sentido *benjaminiano* de “o único lugar de uma retomada inventiva da origem ‘perdida’”.

Abstract: Paraisópolis's Memory Station aims to reaffirm inextricable bonds existing between information and signification, fostering objective conditions of dialogue amongst the past and the present. In this paper, we present the construction process of a apparatus named Paraisópolis's Memory Station with the community in Paraisópolis, the second largest favela of São Paulo, its history and memory of their residents, have provided the basis for our early scientific questions which aimed to understand the the apparatus Memory Station as a stimulator of appropriation processes and the cultural protagonism. The collaborative methodology allowed to integrate with the community, as well as, the implementation of weekly intergenerational meetings called Memory Workshops, the photo's exhibits and a creation of a data base for storage, preservation and socialization of content.

Keywords: Paper Model; Scientific Paper; Author's Instructions.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária: Salamandra; São Paulo: EDUSP, 1972. 340 p.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, volume I).

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, volume I).

_____. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Obras Escolhidas, volume III).

_____. Escavando e recordando. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, volume II).

BOSI, Alfredo. *Considerações sobre o tempo e a informação*. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/bosiinternet.pdf>> Acesso em: 12/03/2012

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador*. São Paulo: Cortez, 2003. v. 1. 317 p.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6 ed. Tradução Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 1v.

DEMO, Pedro. Ambivalências da sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, Aug. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000200005&lng=en&nrm=iso>. access on 28 May 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652000000200005>.

DESGAGNÉ, S. et al. L'approche collaborative de recherche en education: un rapport nouveau à établir entre recherche et formation. *Revue des Sciences de l'Éducation*, v. 27, n. 1, p. 33-64, 2001.

DESGAGNÉ, S. Le concept de recherche collaborative: l'idée d'un rapprochement entre chercheurs universitaires et praticiens enseignants. *Revue des Sciences de l'Éducation*, v. 23, n. 2, p. 371-393, 1997.

FARIA, Ivete Pieruccini. *Estação Memória: lembrar como projeto – contribuição ao estudo do conceito de mediação cultural*. 1999. 177f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, ECA/USP -. São Paulo, 1999.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História, narração em W. Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2008.

JEANNERET, Y. *Dispositif*. Disponível em: <ensmp.net/pdf/2005/glossaire/dispositif.doc> Acesso em: 05/04/2012

JEANNERET, Y. *Information*. Disponível em: <ensmp.net/pdf/2005/glossaire/information.doc> Acesso em: 05/04/2012

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, n.10, p.07-28

PERAYA, D. *Médiation et médiatisation: le campus virtuel*. In: Hermès 25, Paris:CNRS,1999. Disponível em:< http://www.wolton.cnrs.fr/hermes/b_25fr_sommaire.htm > .Acesso em: 24 jul. 2011.

PERROTTI, E. ; VERDINI, A. Estações do conhecimento: espaços e saberes informacionais. In: ROMÃO, L.M.S. (org.) *Sentidos da biblioteca escolar*. São Carlos: Alfabeta, 2008.

PERROTTI, E. A aventura de conhecer: proposta pedagógica. *Boletim Salto para o Futuro*, v. 18, p. 3-13, 2008

PERROTTI, E. Estação do Conhecimento Einstein: e com a palavra, o Prof. Edmir Perrotti. In: *Revista da Educação Cidadã: Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis*, 2.ed, 2010, p.18

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In : LARA, M.L.G, FUJINO, A. NORONHA, D.P. (org.) *Informação e contemporaneidade: perspectivas*. Recife: Néctar, 2008. p. 46-97.

PIERUCCINI, I. *A ordem informacional dialógica: estudo sobre a busca de informação em Educação*. 2004. 194f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PIERUCCINI, I. ; PERROTTI, E. Memória, experiência e informação: a Estação Memória. In: *Anais Digitais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/533/96>>. Acesso em: 05/04/2013.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 31, n. 3, Dec. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300013&lng=en&nrm=iso>. access on 30 May 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022005000300013>.

PLATÃO. *Fedro ou da Beleza*. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

PRIGOGINE, I. *O fim das certezas*. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

Texto científico recebido em: 09/09/2014

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 31/10/2014

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu* (Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países, em diversas áreas do conhecimento.